



MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 01 | JAN. 25



Manifesto

Altura, abertura e profundidade

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Renato. Tenho 62 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, jiló, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



ÍNDICE

Cláudio

Renato Guimarães Ferreira

6

Goffredo, o “Seu Nelo”

Eliana Bianco

12

Herman e a Berlineta

Paula Bessa

15

Dr. Cunha

Mario Aquino

20

Carlão

Sérvio Túlio Prado Jr.

24

Cláudio

Eu estava procurando o número do celular de uma pessoa com quem precisava falar com alguma urgência e me deparei com seu nome e foto: Cláudio. Há alguns meses que ele morreu e até hoje não apaguei seu contato da minha lista.

Foi um dos meus melhores amigos. Desde que ele se mudou para o interior, depois de tudo e mais alguma coisa ter dado errado para ele aqui em São Paulo, nós nos falávamos com frequência. Ele sempre pedia para que o fizéssemos com as câmeras ligadas – dizia que assim matava melhor a saudade que sentia.

Quem o conheceu sabe que ele nunca foi uma pessoa fácil, docinha, amigável, sociável. Era muitas coisas, mas isso não. Brigava muito, falava o que vinha à cabeça, dizia tudo na lata – com qualquer pessoa era assim, conhecida ou desconhecida. Discutia com o cobrador no ônibus, com o porteiro do prédio, com o filho do prefeito da cidade em que morava. Gostava de briga e parecia estar sempre enfezado.

Nós nos conhecemos no apartamento em que eu morava em Pinheiros e ele, folgado, foi logo no primeiro dia pedindo emprestado o livro que eu estava lendo. Eu disse não e este foi o motivo do nosso primeiro arranca-rabo. Brigamos muitas vezes, sempre voltando a nos falar no dia seguinte, entre muitas risadas e nenhum pedido de perdão (ele odiava isso).

Uma vez, em uma festa em casa, ele se aproximou de uma amiga e perguntou: “Você sabe como fazer para descobrir se seu marido tem uma amante? Veja se ele tem resquícios de papel higiênico na ponta do pinto. Se necessário, puxe um pouquinho pra olhar melhor. Se tiver, desconfie. É típico de quem está traindo!” Bom, ela não entendeu nada, ficou vermelha e totalmente sem lugar, riu amarelo e sumiu no azul. Depois de algum tempo, tiveram outra briga pelo Facebook, nem me lembro sobre o quê. Acho que tinha a ver com o Luciano Huck ou algo assim. Seu arco de interesses (ou talvez fique mais claro dizer “desinteresses”) era amplo.

Há vários episódios como esse. Um outro amigo chegou a me dizer que não entendia como éramos amigos – sua falta de tato e elevada autoestima eram assombrosas, o que contribuía para gerar uma situação atrás de outra de espanto diante de suas falas desconcertantes. Eu lidava bem com isso, porque éramos muito amigos, mas ninguém era obrigado a aguentar aquela patacoada.

Ríamos muito, passávamos horas falando bobagens – pessoalmente ou por telefone. Lembro de uma vez em que, sem razão alguma, subimos a Rua Augusta, cantando em voz alta a música “Ready to take a chance again” do Barry Manilow – breguíssima, mas que sabíamos a letra de cor, do começo ao fim.

*You remind me I live in a shell
Safe from the past and doin' okay but not very well
No jolts, no surprises, no crisis arises
My life goes along as it should
It's all very nice, but not very good*

Não havia segredos ou assuntos interditados entre nós. Falávamos de tudo, concordávamos em muitas coisas, discordávamos em outras tantas. É difícil imaginar alguma coisa relevante de nossas vidas que não tenha sido objeto de uma boa conversa, de uma saborosa desavença, de uma profunda empatia.

A mentalidade da época nos permitia uma brincadeira que talvez hoje não fizéssemos – mas eram outros tempos. O “Dia dos Povos Indígenas”, 19 de abril, ainda era “Dia do Índio” e usávamos com frequência a expressão “programa de índio” para caracterizar uma atividade que se revelava uma enorme chatice, algo penoso e sem sentido; algo que exigia muito do corpo ou da cabeça e não trazia recompensa à altura. Pois bem, nós inventamos de celebrar todos os anos no “Dia do Índio” o início da nossa amizade – “o maior programa de índio das nossas vidas”! Como nos divertíamos com isso, celebrando com um café, uma cerveja ou uma volta pela Paulista.

Ah, e fizemos efetivamente alguns “programas de índio”, como a viagem em um carnaval distante para uma praia no litoral norte de São Paulo. Decidimos ir encontrar uns amigos lá e não tínhamos nos organizado para nada. Não tínhamos carro, não tínhamos passagem – só tínhamos disposição. Não havia passagens a partir de São Paulo – estava tudo esgotado. Resolvemos ir até São José dos Campos, na certeza de que de lá conseguiríamos alguma maneira de descer a serra. Conseguimos dois lugares em um ônibus escolar fretado cheio de adolescentes que nos levou até Ubatuba. Ficamos horas na estrada, ouvindo as músicas que eles não paravam de cantar. Um verdadeiro show de horrores, que aguentamos calados! Ele estava de bom humor, não brigou com ninguém. Chegamos lá de madrugada. Tivemos que dormir na praça em frente à Rodoviária e no meio da manhã seguinte seguimos até Boraceia, aonde chegamos depois do que nos pareceu dias de viagem. E como aproveitamos aquele Carnaval!!!!

Ele tinha sempre histórias mirabolantes, que às vezes me levavam a duvidar de que tinham realmente acontecido. Elas vinham envoltas em uma atmosfera meio mágica, que mais parecia fruto da imaginação fértil do que da realidade dos fatos – era como se uma barreira entre esses reinos tivesse sido levantada e tudo fosse possível e permitido. Uma pós-graduação em Cuba, uma viagem luxuosa para a Argentina, um final de semana na Mantiqueira, um encontro fantástico na Rua Frei Caneca, a rua em que morou durante muitos anos em São Paulo.

Não consigo parar de pensar em mais e mais histórias que vivemos juntos – memórias de noites incríveis no Madame Satã, um clube noturno que fez história nos anos 80 no Bixiga, e de dias radiosos em Paranapiacaba, entre trens e trilhos antigos. No Madame Satã, gostávamos da música e da mulher que comia repolho a noite toda numa jaula acima da porta de entrada. Ficamos completamente arrebatados quando, numa noite histórica, o bailarino japonês Kazuo Ohno apareceu por lá e dançou ao som da música que se ouvia ali.

Recebi a notícia de sua morte logo cedo, quando terminava de tomar o café da manhã. Lia e relia a mensagem sem acreditar que aquilo era verdade. Tínhamos nos falado pouco dias antes, combinado um encontro em São Paulo, para onde ele viria fazer uns exames periódicos. Chorei como há muito não chorava. Chorei, chorei, chorei. Depois passei um tempo sem sentir sua falta. Era como ele estivesse distante, mas ainda ao alcance de um telefonema. Era quase como se ele, em alguns dias, fosse chegar em São Paulo. Era inconcebível que ele tivesse partido sem nos despedirmos. Nesse período, lia e relia um poema do Bandeira falando da morte do Mário de Andrade. O poema se chama “A Mário de Andrade ausente”:

Anunciaram que você morreu.
Meus olhos, meus ouvidos testemunham:
A alma profunda, não.
Por isso não sinto agora a sua falta.

Sei bem que ela virá (pela força persuasiva do tempo).
Virá súbito um dia,
Inadvertida para os demais
Por exemplo assim
À mesa conversarão de uma coisa e outra
Uma palavra lançada à toa
Baterá na franja dos lutos de sangue,
Alguém perguntará em que estou pensando,
Sorrirei sem dizer que em você
Profundamente.

Mas agora não sinto a sua falta.
(É sempre assim quando o ausente
Partiu sem se despedir:
Você não se despediu.)

Você não morreu: ausentou-se.
Direi: Faz tempo que ele não escreve.
Irei a São Paulo: você não virá no meu hotel.
Imaginarei: Está na chacinha de São Roque.

Saberei que não, você ausentou-se. Para outra vida?
A vida é uma só. A sua vida continua
Na vida que você viveu.
Por isso não sinto agora sua falta.

Só que os meses foram passando e ele não me ligou mais, eu não liguei pra ele. Ele não veio a São Paulo, os assuntos foram se acumulando e a vontade de falar com ele longamente, sem pressa, sem freio, só fazia aumentar. A vontade de andar pela Paulista – nossa rua favorita na cidade – e relembrar, ao passar na frente do antigo prédio da Gazeta, a crença firme que tínhamos na década de 80 de que as pessoas eram abduzidas ali por extraterrestres e jamais retornavam. Ou ir até o centro e tomar um café com bolo de banana no Café Floresta do Copan.

Hoje sinto muito sua falta. Sinto saudade. Enorme. Porque ele foi um amigo como poucos que fazemos na vida. Porque vivemos coisas demais juntos. E porque partiu cedo demais, sem se despedir de ninguém.

Resolvi que não vou deletar o número de seu celular da minha lista de contatos. Uma hora tentarei ligar para ver quem atende do outro lado. Em mais uma das suas, ele poderá atender só pra me assustar.

Saudade.



Renato Guimarães Ferreira

Goffredo, o “Seu Nelo”

- Não, não é Godofredo. É Goffredo, e com dois efes.

Quantas vezes te ouvi dizendo isso. Você ficava tão bravo. (Risos). Mas o bom é que o Goffredo era só pra ocasiões formais - nas repartições públicas, no médico. Para a família e os amigos você era o Seu Nelo. Pra mim, Vô. Como eu não tinha mais o outro avô, não precisava diferenciar. Era só Vô mesmo. E eu te admirava muito.

Nasceu em Lucca, na Itália e veio para o Brasil na década de 1920 para trabalhar nas torras do café, no bairro do Brás. Aqui conheceu a também italiana Josephina e assim nasceu nossa família.

Da Itália você falava pouco ou quase nada. Não sei se por dor da saudade ou porque fora uma fase difícil que preferia esquecer. E eu era muito nova para te perguntar. Acabei não sabendo nada da sua vida lá. De italiano sobrou pouca coisa em você: o nome, que ninguém acertava, o hábito de comer pão em toda refeição e a indignação quando alguém quebrava ou partia o espagete. Ao contrário de todo estereótipo de italiano, você falava baixo e não usava as mãos. Nem sotaque você tinha mais. Me lembro apenas de algumas palavras que você falava em italiano: finocchi (erva doce que você adorava e me ensinou a gostar também), Che catzo! (que a gente não podia repetir) e bambina (como você nos chamava, as suas netas).

Sem instrução formal, era o homem mais inteligente que eu conhecia. Lia o jornal inteiro todos os dias e tinha sempre um livro ou umas palavras cruzadas na mão. Falando em mãos, lembro das suas muito grandes e brancas. E delas saiam tantas coisas. Na sua oficina na garagem a gente não podia entrar. Eu olhava de fora aquele monte de gavetinhas com etiquetas na sua caligrafia bonita (pregos, arruelas, parafusos) e as chaves de fenda penduradas na parede em ordem de tamanho. Se algo quebrava era só dar nas suas mãos que você arranjava. E se não tinha conserto, você inventava alguma gambiarra, de forma que a gente sempre saia satisfeito. Essas mãos também sabiam desenhar. Acho que veio de você essa minha paixão. Lembro que você chegava em casa e fazia desenhos que eu passava a tarde toda colorindo. Seus desenhos eram sempre bichinhos humanizados. Pra mim você era melhor que o tal Disney.

Sabia de política, sabia História, era bom na matemática e tinha ouvido absoluto. Dedilhava músicas no piano e no violão sem nunca ter feito uma aula de música. Na falta do meu pai, que partiu muito cedo, era pra você que eu fazia todos os presentes do dia dos pais na escola. Algumas vezes o cartão vinha pronto, mimeografado com um “Parabéns Papai” e eu tinha que riscar e escrever por cima: “Parabéns Vô”. E o cartão ia sempre junto com dois pares de meias pretas ou marrons. Era só esse presente que compravam pra você, coitado. Desculpe por isso. (Risos)

Você tinha uma Kombi azul calcinha, que tinha o banco do meio invertido, de costas para o motorista. Os dois bancos traseiros ficavam de frente um para o outro, com um espaço no meio, parecendo uma sala de estar. Era ali que a gente viajava pra praia. Mães, tias e tios sentados nos bancos e as crianças no chão, brincando. Zero em segurança, mas 10 em alegria! Bons tempos. Você foi embora muito cedo, mas deixou muitas lembranças.

(pausa) ...

Mais um texto que eu não sei como terminar.

Saudades de você (suspiro) ...

Então, não vou terminar!

Que tal?

Assim a gente pode continuar conversando. Foram tantas coisas que você não viu e eu queria te contar!

- Sabe, Vô, ...

Eliana Bianco



Herman e a Berlineta

Morei em Pindamonhangaba dos 7 aos 10 anos. Sempre digo que foi a melhor época da minha vida. Como é possível, depois de tantos anos, eu ainda considerar esse período como “o melhor”? Eu era apenas uma menina mas, todos os dias, acordava com a certeza de que era feliz. Nunca mais foi assim. Hoje, existem dias felizes, dias não tão felizes e até dias tristes, mas lá... eu era feliz todos os dias, o tempo todo e eu sabia disso.

O condomínio onde morávamos era um antigo haras, plano com lagos e grandes áreas arborizadas, loteado com um padrão superexigente de construção. As casas tinham uma metragem mínima obrigatória, não podiam ter edículas nem serem muradas. Na época, meu pai, transferido para trabalhar ali perto, comprou dois lotes já com a casa construída. O que ele fez foi gramar uma área mínima ao redor da casa. No outro pedaço, no quintal, tínhamos um tanto de terreno seco, rachado, praticamente desolado. Eu, com sete anos, e meu irmão, com apenas alguns meses, brincávamos por horas ali, com esguicho ligado, água jorrando sem preocupação e um caminhão de brinquedo com uma caçamba amarela onde o Artur, que ainda engatinhava, ficava instalado confortavelmente. Ficávamos rodeados por outros brinquedos menores, que aos poucos desapareciam nas camadas do lamaçal. Aquilo era o máximo.

Fora da casa... ah, aí é que a história começa. Havia as obras. Como o condomínio era recente, muitas casas ainda estavam em construção, e eu acompanhava todas as fases de cada uma delas. Diariamente, com a minha berlineta laranja, pedalava o quanto fosse necessário para observar cada casa. Eu adorava desenhar plantas baixas. Com um pedaço de tijolo, no contrapiso, rabiscava todos os móveis, já calculando os ângulos de abertura das portas. Quem me ensinou? Ninguém... configuração de fábrica. Hoje, fico imaginando o que os funcionários ou os proprietários pensavam daqueles desenhos no chão. Traços ainda vacilantes, mas cheios de criatividade. Eu me lembro de virar os armários para o lado dos banheiros, em vez de deixá-los dentro dos quartos – algo parecido com os closets de hoje em dia – e aproveitar os espaços ao redor das áreas técnicas da casa para criar pequenas despensas. Aposto que algumas dessas ideias foram absorvidas em algum momento.

Minha mãe se preocupava, e muito. Depois de algumas horas sem eu aparecer, lá ia ela no seu Fusca bege, rodando pelo condomínio sem destino certo. Na sarjeta, diante de alguma obra onde minha berlineta estivesse caída, era ali que eu estava, “trabalhando”. Talvez tenha sido um alívio para ela quando descobri outras meninas da minha idade que não frequentavam obras. Elas não viviam sujas de pó de tijolo nem tinham os joelhos ralados (os meus estavam sempre marcados de me arrastar no cimento para desenhar em escala natural). Pelo contrário, elas cintilavam. Eram loirinhas, bonitinhas, e todas, sem exceção, tinham a mesma bicicleta: uma Cecizinha da Caloi. As bicicletas eram rosas, com uma buzina também rosa, mas em tom perolado. O principal acessório era a cestinha branca, onde elas levavam suas bonecas: Meu Bebezinho da Estrela. Todas, meninas, com chuquinhas, lacinhos, um cobertor e uma troca de roupinha – sempre rosa, claro. Uma delas tinha até uma fralda daquelas de plástico, com botões nas laterais. Ah, mais um detalhe: elas pedalavam de vestidos.

Eu não me intimidei com nenhum desses detalhes. Eu vivia muito confortável com o meu repertório. Não havia vestígio de forças conflitantes. Nada me amedrontava ou me feria... criador e criatura, em perfeita harmonia. Lembro bem da reação delas quando eu aparecia para o pedalo: de shorts, com a minha berlineta sem buzina, sem cesta, e acompanhada do Herman. Elas aceleravam, numa tentativa desesperada de me deixar para trás e me fazer desistir de ingressar no grupo.

Herman, "o monstro" – nome dado carinhosamente pelo meu pai à minha boneca – que não era nem de longe e muito menos de perto, parecido com as bonecas de chuquinha das minhas amigas... acho que era da Troll, uma marca que fabricava jogos... enfim, ele era feio, torto, grande e mal-acabado. Não tinha nenhum detalhe que o humanizasse, como separação entre os dedos, dobras ou covinhas. Apesar de eu ter uma troca de roupa que revelava todas as suas bizarras costuras e um cobertor superimprovisado, nada se comparava à engenhosidade que usei para incluí-lo nos passeios. Como minha bicicleta não tinha cestinha, eu amarrava o Herman com seu próprio cobertor, prendendo-o às hastes frontais da berlineta. A amarração, claro, não durava muito, e logo ele ficava pendurado pelo pé – uma cena que talvez fosse mesmo demais para as “cintilantes”.

Naquele Natal, pedi ao meu pai uma buzina e uma cesta. Ganhei... uma buzina vermelha que soava como um porco sendo estripado. Quanto à cesta, ele nem tentou, porque na berlineta não tinha como pendurar. Foi então que decidi pedir a Cecizinha. Esperei anos, mas ela nunca veio. O mais engraçado aconteceu muito, muito, tempo depois, quando entrei na Decathlon pelo setor de bicicletas.

Lá estavam elas: uma fileira enorme de bicicletas rosas com cestas brancas. Parei bem no meio daquele sonho encantado de infância, olhando para os suportes presos às rodas e pensei: “Compro ou não compro?” Para minha surpresa, decidi não comprar. Saí da loja feliz, como se tivesse voltado no tempo e dado três ou quatro voltas na minha exótica berlinetinha laranja.

Aos poucos, as meninas e eu fomos ficando amigas. Eu ensinei cada uma delas a subir nas mangueiras perto da construção do clube, e elas me ensinaram a mergulhar na piscina sem prender o ar com a mão no nariz. Nossas bicicletas ficavam todas juntas, deitadas umas sobre as outras, enquanto brincávamos. As bonecas subiam conosco nas árvores e, como nós dávamos uma apoio à outra, as bonecas circulavam pelas mãos daquelas que já estavam mais seguras. Naquele momento, pouco importava o sexo, a marca ou até de quem eram as bonecas. No final, lá na altura dos galhos mais largos, “as crianças” foram criadas como se vivêssemos numa comunidade... juntas! E concordávamos, que o Herman era mais gostoso de abraçar porque ele era grandão. Nós compartilhávamos histórias sobre as nossas escolas, que não eram as mesmas, e o medo que tínhamos da lenda de que os seguranças faziam as rondas à noite com cachorros muito, muito bravos. Uma delas jurava que já tinha visto um desses cachorros soltos perto da casa do lago. O nosso sonho era um dia, podermos dormir juntas, ali no topo da nossa mangueira.

Pinda-bá, como aparece nas placas. Anos depois, voltei ao condomínio, com meus três filhos no banco de trás do carro. Pedi, emocionadíssima, para a portaria liberar minha entrada. Eles liberaram. Uma moto com um dos seguranças me acompanhou, mesmo com a minha promessa de que não tocaria nenhuma campainha nem entraria em contato com ninguém durante minha visita.

Todas as casas já estavam construídas e não havia mais nenhum terreno à venda. Parei o carro na minha antiga rua e desci a pé, mas, mesmo assim, não consegui localizar nossa casa. Os muros haviam sido liberados e, por ali, tudo tinha mudado. Não me importei muito, mas não tive coragem de voltar na alameda das mangueiras. Na época, fiquei satisfeita apenas por saber que aquele lugar ainda existia, sendo possível num dia qualquer, eu subir em alguma daquelas árvores ou descer sem pedalar, com as pernas levantadas, em disparada pela última rua, aquela que desembocava no lago.

Enfim... aquele lugar continua sendo, decididamente, minha referência de “o meu lugar no mundo”. Ali, eu exercia arquitetura, tinha as pernas fortes, não sentia frio, subia sem medo na árvore mais alta, andava livremente com minha bicicleta laranja de buzina vermelha que me anunciava inconfundivelmente. Eu adorava minhas amigas cintilantes, Mariana, Claudia, Cristiana e Natalia e, além de tudo, eu tinha o Herman, que eu amava incondicionalmente.

Pra que mais?



Dr. Cunha

Tinha eu onze anos quando conheci o Dr. Cunha, um simpático e elegante português que chegou em casa para passar uma semana. Ele havia sido apresentado por carta pela minha tia Maria Eliza, que trabalhara como babá de sua esposa, a Fernanda, ou melhor dizendo, a menina Fernandinha. Na carta, minha tia pedia expressamente para que o hospedássemos porque ele era uma pessoa muito importante.

Desde o momento em que o Dr. Cunha chegou pela primeira vez à nossa casa, ele trazia consigo um ar de mistério e sofisticação que me cativou. Ele não era apenas um hóspede; era um contador de histórias, um homem que parecia ter vivido mil vidas. Ao longo dos anos, durante suas muitas visitas, ele se tornou mais do que um amigo da família—tornou-se uma presença marcante na minha vida.

O Dr. Cunha tinha um jeito de transformar até os momentos mais simples em algo extraordinário. Ele sempre chegava com presentes, muitas vezes livros cuidadosamente escolhidos para despertar minha curiosidade. Eram tesouros—clássicos, romances de aventura e até manuais de xadrez. Um dos primeiros livros que ele me deu foi uma edição lindamente encadernada de *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. “Este,” ele disse com um sorriso maroto, “é uma história sobre paciência, estratégia e o poder dos relacionamentos”. Aquele livro se tornou uma porta de entrada para um mundo de intrigas e resiliência, muito parecido com o mundo que o próprio Dr. Cunha parecia habitar.

Mas não eram apenas os livros que me marcavam; era o tempo que ele passava comigo. Ele gostava de andar comigo porque, mesmo muito novo, eu tinha uma capacidade de orientação muito grande, o que facilitava andar pela cidade de São Paulo. Durante suas visitas, ele frequentemente me levava em seus compromissos de trabalho. Essas saídas eram uma aventura por si só. Lembro-me de sentar em salas de espera de escritórios imponentes no Centro, na Avenida Paulista, folheando as páginas de livros que ele me havia dado, enquanto ele conduzia reuniões atrás de portas fechadas. Algumas vezes, ele me deixava estar com ele nas reuniões. Por incrível que pareça, conseguia ficar calado. No início, eu não entendia muito do que estava acontecendo, mas ficava fascinado com a maneira como ele se portava—calmo, confiante e sempre impecavelmente vestido. Ele se movia pelo mundo como um personagem de um de seus livros, e eu era seu observador atento.

Durante nossos passeios de carro, ele compartilhava alguns fragmentos. “A vida, Marinho,” ele disse certa vez, “é como um jogo de xadrez. Cada movimento importa, e cada relacionamento que você constrói é uma peça no tabuleiro. Você precisa pensar à frente, mas também valorizar as pessoas que conhece pelo caminho.” Foi em uma dessas viagens que ele me ensinou a jogar xadrez. Numa de suas visitas, ele me trouxe um tabuleiro de xadrez portátil.

A influência do Dr. Cunha ia além do tabuleiro de xadrez. Ele me mostrou o valor de construir relacionamentos, não apenas para ganho pessoal, mas pela riqueza que eles trazem à vida. Ele frequentemente falava sobre as parcerias que criava entre portugueses expatriados no Brasil e novos empreendimentos em Portugal, enfatizando como a confiança e o respeito mútuo eram a base do sucesso. “As pessoas,” ele dizia, “são a verdadeira moeda do mundo. Trate-as bem, e elas abrirão portas que você nem sabia que existiam.”

À medida que cresci, comecei a entender a profundidade de suas lições. Os livros que ele me deu, as conversas que tivemos e os momentos que passei observando-o em seu elemento me ajudaram a moldar a maneira como eu via o mundo, mesmo que eu ainda guardasse dentro de mim uma visão menos instrumental das relações. Mas, o amadurecimento também trouxe a compreensão de que o Dr. Cunha que ele era um homem de contradições—um dândi com um passado misterioso, um homem de negócios com a alma de um contador de histórias e que tentou me ensinar a enxergar a vida como um jogo de estratégia e conexão.

Anos depois, conheci sua esposa, a Fernanda, e, através de fragmentos soltos que ela deixava escapar nas conversas, comecei a criar um mosaico da história do Dr. Cunha. Como um personagem de Eça de Queiroz, ele nascera em uma família humilde do Porto, ficara órfão de pai cedo e fora acolhido por um tutor, um fidalgo português com negócios no Brasil. Com a queda do regime salazarista, fugiu para o Brasil. Seria esse homem que ele visitava a portas fechadas quando eu o acompanhava? Mesmo após a Revolução dos Cravos, o Dr. Cunha mantivera um cargo na companhia de energia de Portugal, uma função que lhe dava liberdade para viajar e fazer negócios entre os dois países.

Por volta dos meus dezoito anos, as visitas do Dr. Cunha cessaram. De vez em quando, recebíamos um cartão de Natal ou uma carta, até que um ano o cartão voltou: “Destinatário mudou de endereço.” O contato se perdeu.

Anos mais tarde, durante uma viagem solo a Portugal, recebi uma ligação inesperada na casa da minha prima no Porto. Era o Dr. Cunha. Como ele soube que eu estava lá? Nunca descobri. Marcamos de nos encontrar no dia seguinte. Ele chegou pontualmente em seu Alfa Romeo, e passamos o dia juntos. Conversava como se não houvesse havido um hiato de encontros, como se tivéssemos mantido contato o tempo todo. Atualizou-me sobre sua vida: com a ascensão de Cavaco Silva ao poder, ele se aproximara de antigos colegas da universidade—uma contradição, pois antes dizia ter estudado em Coimbra, mas agora mencionava a Nova de Lisboa. “Claro que também tenho amigos entre os socialistas,” ele disse, pragmático. “Aliás, há muito pouco que os difere dos cavaquistas.”

Almoçamos em sua casa, onde ele apareceu vestindo um robe de chambre, como se estivesse em um romance inglês vitoriano do século XIX. Durante o almoço, tentou me convencer a mudar-me para Portugal. “Termine o doutorado,” ele disse, “e venha para cá.” No final do dia, ele me levou de volta à casa da minha prima. Nunca mais nos vimos.

Dois anos depois, meu pai, em uma viagem a Portugal, cruzou com ele na Foz do Douro. O Dr. Cunha o viu, mas fingiu não reconhecer. Não sei o que isso significava, nem se e o que importava. O Dr. Cunha já havia cumprido seu papel na minha vida.

Ele foi mais do que um personagem; não foi propriamente um mentor, mas, alguém que procurou me mostrar como navegar pela vida. E, de uma forma bastante clara, acabou me ensinando o significado português da expressão “meter uma cunha”—que, venhamos e convenhamos, é muito mais poético do que falar em networking.



Carlão

- Mas é um grupo de que?

É um grupo de pessoas...

- Mas que fazem o que?

Ah, é um grupo de pessoas...

... um grupo de pessoas que ...

...que...

...que se reúne!!!!

Foi o que eu respondi àquela pessoa, não lembro direito quem, mas nunca me esqueci do absurdo da minha resposta. Quando termino essa história para gente que segue comigo “nesses grupos”, a gargalhada é sequência certa.

Levou anos para eu começar a entender do que aquilo ali se tratava. Literalmente anos. E, como eu disse - para começar a entender. Até hoje sigo entendendo ainda as coisas que ali começavam para mim.

Um amigo, meu grande amigo Paulão, me convidou:

- Vamos lá, Sérvio? Fui na terça passada lá.

Vamos! Mas eles fazem o que?

- Ah, lá tem um lance de dar umas cambalhotas...

Não me recordo se houve muito mais explicação além disso. Havíamos assistido no MIS, mais ou menos na mesma época, o filme “Encontro com Homens Notáveis”, do Peter Brook. Também não sei se entendi muita coisa da história, o que foi amplamente compensado pelo fascínio do personagem e da aventura toda no que seriam paisagens da Ásia Central.

Tinha ainda o camarada com quem fazíamos terapia, um sujeito muito legal, lembro de um livro que ele nos indicou, Terapia Hoffman da Quadriunidade. Supostamente esse cara era um “sufi” ... Sufis, os misteriosos místicos do misterioso Islã...

Na realidade, não era necessária muita explicação para o convite feito. O que se queria mesmo era um contexto de referências díspares. Assim, quanto mais díspares fossem, melhor. Não era para fazer muito sentido mesmo e quanto menos explicação, melhor. Bastava algum vestígio de que algo realmente interessante se descortinaria, valia o antever da descoberta. A diversão era toda essa. Se tenho saudade de algo nessa vida, é da inocência com que essas coisas eram ali sentidas.

De alguma maneira então aquele grupo estaria ligado ao personagem do filme, aos sufis e a ... cambalhotas.

E foi lá então, em alguma terça-feira no começo de 1989, talvez em março, numa casa na Lapa, beirando já o antigo, que eu conheci essa figura que era o Carlão. A materialização mais cabal do que se poderia entender por “referências díspares”. A inteligência mais voraz que já presenciei em ação. Grande, lentes muito grossas em óculos de aro escuro, caminhava projetando levemente o peso, que de leve tinha pouco, para frente. Descendia de húngaros, reza a lenda que ciganos. A mesma lenda incluía um tio que, antes de imigrar para o Brasil, teria trabalhado na Europa com Gurdjieff – sim, G. ele mesmo!

Pneumatologista, sabia tudo, claro, sobre exercícios de respiração, indo dos Naqshabandi a hiperventilação Pranayama. Mas isso era o que obviamente se podia esperar de alguém com a sua especialização médica. Saindo daí é que a coisa realmente ganhava horizonte. A começar pelos movimentos que tínhamos visto no filme e que ali, com aqueles grupos, ele realizava. Viriam em breve os giros, que um dia foram Mevlevi, mas que pouco tempo depois seriam aprendidos na tekkia dos Jehrari em Instambul. E daí, todo o demais havia também, em diversos graus de profundidade e prática: o Masnaví, Idris Shah, Nasrudim, Ouspenski e Epicteto; o eneagrama, as leis, o raio da criação, a tecelagem; E.J. Gold, Robert Anton Wilson, a mixologia, o teatro; a escolástica, o hermetismo, a cabala, a alquimia; T. Leary, LSD, e a Califórnia; mudras, chakras, latifas, neurônios, isolamento sensório; xamãs, temperos, incensos e plantas de poder; música das esferas, visualização ativa, K7s para relaxamento, BBS's, o tarô, um telescópio; símbolos, signos, arquétipos, o Curso em Milagres e a física de partículas... e por aí a coisa ia aparentemente sem qualquer limite definido, pelo menos não do que eu pudesse enxergar na época.

Não foi um santo, foi meu professor. Não sei se o maior deles, mas de longe o que mais diferença fez. Não era só a porta alta daquela casa na Lapa que se abria para mim todas às terças e quintas ao longo dos cinco anos que andei por lá, era um mundo que eu até então não tinha a menor ideia que pudesse existir, e que talvez passasse a vida toda sem saber que existiria. Mais do que um mundo, dimensões; e dimensões de dimensões.

Dimensões de dimensões porque a coisa toda até ali para mim era bem linear. Plana, na melhor das hipóteses. Referenciada de início em enciclopédias e depois em textos legítimos de autores idem.

Se havia em texto, existia. Nada eu saberia reconhecer por si, em mim, simplesmente por nunca ter nisso assentado qualquer foco, nem tampouco desenvolvido gramática que lhe organizasse o sentido. Não havia o que eu pudesse reconhecer como vivência direta, como conhecimento imediato das coisas, sem traduções, sem projeções, sem perder-me ou construir-me em elaborações e transferências racionalizantes de toda forma e natureza. Foi com o Carlão que esse caminho foi aberto para mim. Para mim e para tantos outros, alguns até hoje meus melhores e mais queridos irmãos de caravana. Sinto que o que foi acessado ali foi exatamente o que Rumi mencionaria como deixar de ser “cru”.

Eu não sei exatamente até onde iam as fontes com que ele trabalhava. Só agora começo a revisitar os materiais da época e, num mundo de informações infinitamente mais disponíveis do que eram há pouco mais de trinta anos, tento refazer os caminhos das leituras acessadas por ele.

Livros estavam sempre por toda parte, todo tempo, alguns bem antigos, em várias línguas. Acho até que às vezes eles simplesmente brotavam do nada enquanto esperávamos na pequena sala que antecedia o salão principal onde as reuniões aconteciam. Isso porque antes que começasse encontro do grupo do dia, era comum que ocorressem conversas prévias para temas específicos ou questões individuais.

Essa espera é algo à parte nessa minha nostalgia - pela própria presença desses livros, pelo que vinha de velho do entorno com seus móveis de bisavó, pelo cheiro do incenso, pelas paredes com gravuras, suras, *zikhirs* ou com os nomes de Allah em peças de caligrafia islâmica. Era assim muito mais que aguardar nossa vez de entrar no salão, era antecipar o que as próximas duas ou três horas deflagariam como experiência ou entendimento.

Também não sei o que ele conhecia por ter de si mesmo aprendido, conceito importante de um outro ensino que chegou para mim depois. Pouco importa, inclusive – e aqui me lembro do Borges – se muito do que fosse ali nos grupos trabalhado tivesse sido simplesmente inventado por ele. A imaginação põe imagens para agir, e eu não conheço outra forma de criar.

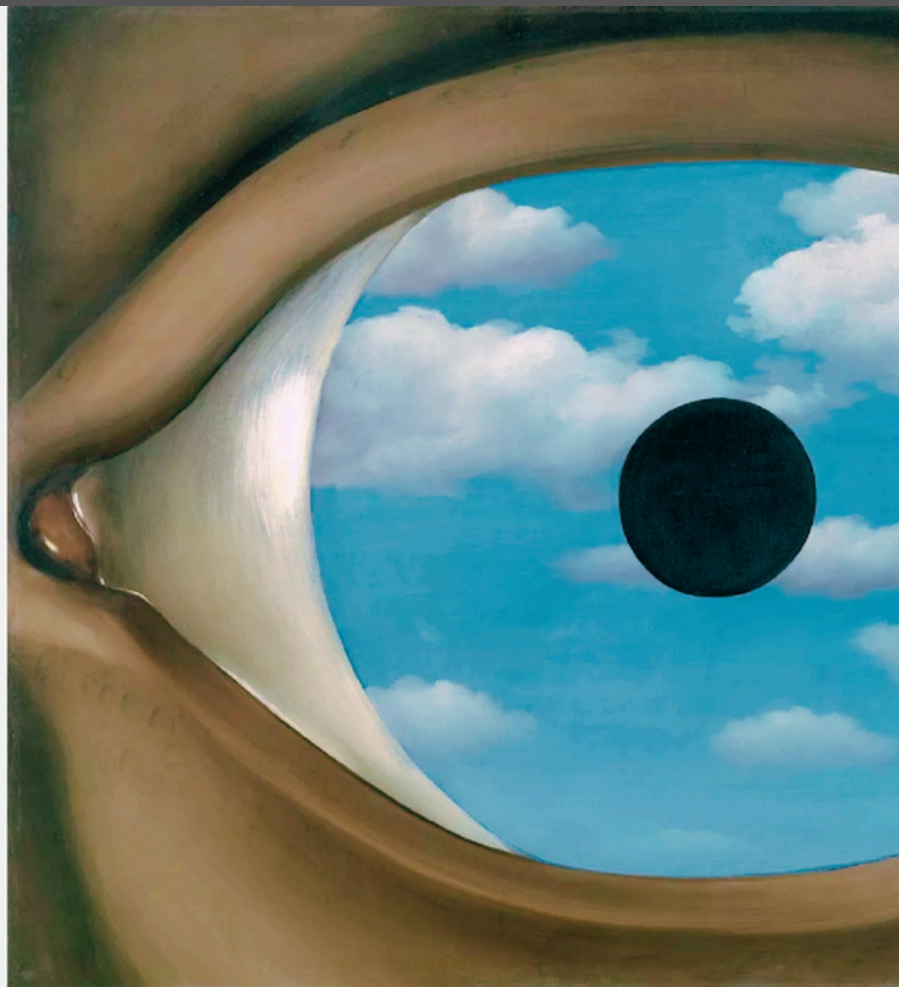
Minha “graduação” ali com ele se deu como um rompimento. Um dos raros episódios assim na minha vida. Sei exatamente por isso que não poderia ter sido diferente. Só isso poderia fazer com que todos os passos que viessem a partir dali fossem realmente os meus. E quero achar também que, no fundo, ele já sabia disso bem antes de mim.

Com o Carlão, em tudo de *gauche* da minha jornada pelo caminho, eu tenho uma tríade para além do tempo da gratidão – a atenção, a presença e o trabalho sobre si mesmo, um fio em trança que percorre e une tudo que eu pude aprender com ele e que definiria quem eu me tornaria depois.

Sérvio Túlio Prado Jr.



INSCREVA-SE E RECEBA AS PROXIMAS EDIÇÕES



MAGNETICA

